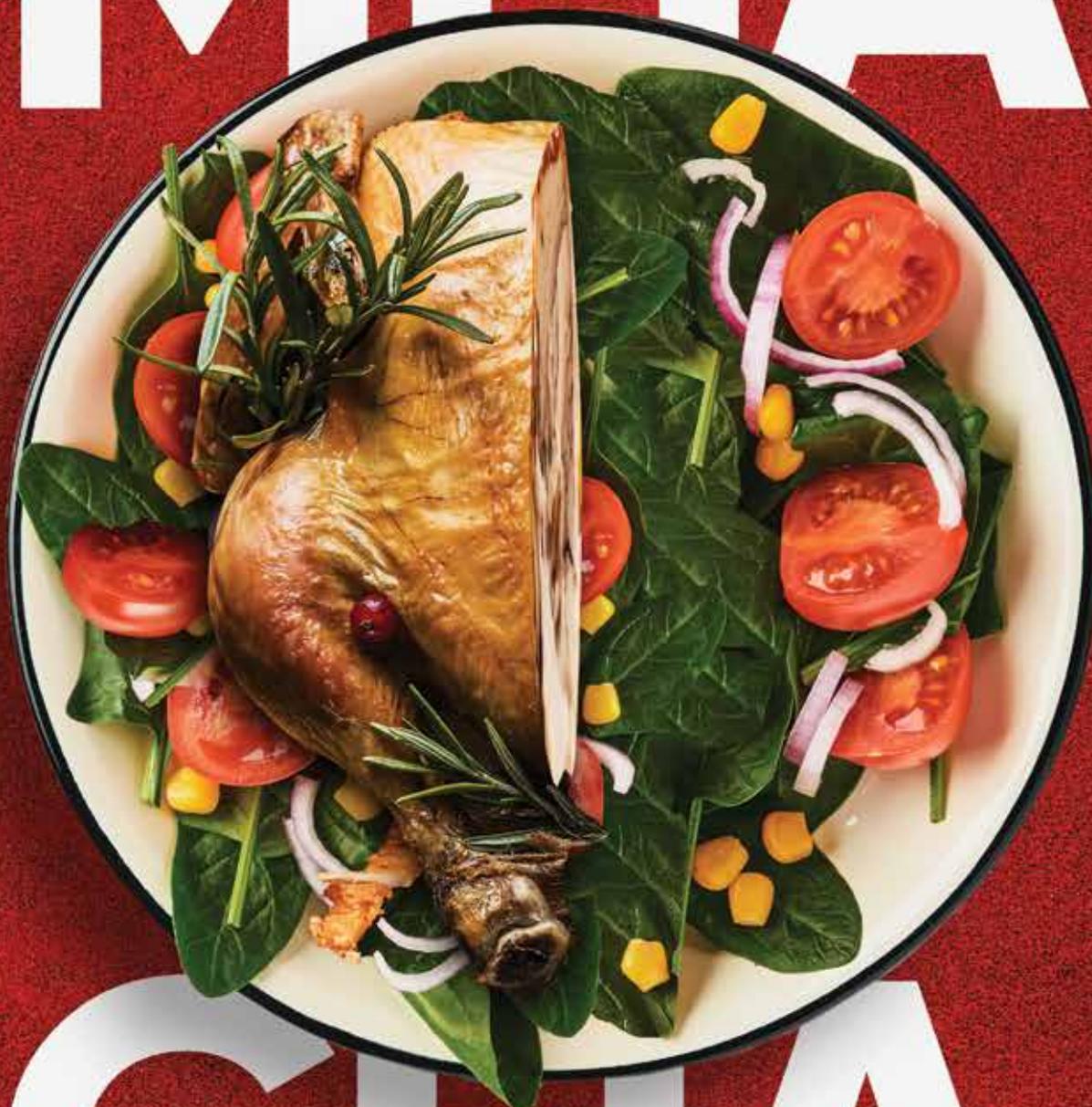


METROPOLE

SSA-BA

MEIA



CEIA

WWW.METRO1.COM.BR

09 DEZ 2021

Com alta da inflação e empobrecimento geral do brasileiro, ceia de Natal foi completamente desfigurada em 2021, perdendo em proteínas e tradição. **Págs. 4 e 5**



Racismo no Atacadão e no varejo

James Martins

Mais um caso de racismo em supermercado. Parece slogan. Parece mentira, quando a gente vai contar. Mais um, mais um, Bahia. “A escravidão permanecerá, por muito tempo, como a característica nacional do Brasil”, vaticinou Joaquim Nabuco. Até Joaquim Barbosa foi chamado de macaco por petistas na época do mensalão. Ou você já esqueceu? Ra-cis-mo. Desta vez foi no Atacadão de Cajazeiras, aqui em Salvador. Racismo no atacado e no varejo. “Vai comprar ou vai roubar?”, teria perguntado a funcionária ao menino de 8 anos que segurava um pacote de macarrão instantâneo dentro da loja. Miojo. Nojo. O racismo estava em promoção? A mãe do menino, a garçonete Vitória Dimas, pediu as imagens das câmeras de segurança para comprovar a denúncia. “O gerente falou que só iria atender ao pedido dela mediante requisição policial. Aí ela procurou a guarnição da polícia que estava próxima e os policiais foram ao local para conversar com ele. O gerente negou e a PM, então, a levou para registrar o boletim de ocorrência na delegacia”, disse o advogado Ivonei Ramos. Tá em matéria no Metro1. “Lugar de comprar barato”, é o slogan do Atacadão. Procurado, o Grupo Carrefour, que

administra o supermercado, disse que “tomou conhecimento do caso” e iniciou “rigorosa apuração interna e está buscando contato com a cliente para qualquer tipo de suporte”. Declarou ainda, em texto que já fica pronto, que “reitera o seu compromisso com políticas sérias de diversidade e repudia veementemente qualquer tipo de discriminação”.

Vale lembrar que, no entorno de 20 de novembro de 2020, um homem negro foi espancado até a morte numa loja do Carrefour, em Porto Alegre. Antes, ele tinha tentado agredir uma mulher, funcionária do mercado, e precisou ser contido pelos seguranças que o mataram. Lembro o detalhe para deixar claro que tendo a avaliar os fatos com complexidade. E não entendo que todo crime que se cometa contra negros seja racismo, nem que a vítima, João Alberto Silveira Freitas, deva ser tratado como herói. Acontece que a pergunta que fica é bastante pertinente: se fosse branco, o mesmo sujeito teria sido agredido até morrer? Ou o componente racial inspirou a barbaridade? “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, apregoa uma canção de Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses Capellette. Por falar em preço, fiquei pensando no menino segurando

o pacote de miojo no Atacadão. Aqui na venda do bairro, tenho reparado que as crianças mais pobres (quase todas pretas ou quase pretas) vivem à base de frango empanado e miojo. O que deve, inclusive, provocar deficiências cognitivas por falta de nutrientes. E pensar que bebida láctea no carrinho de compras foi vendida como revolução social e/ou, no mínimo, inclusão social a ser paga com fidelidade eleitoral eterna. Racismo? Pretos têm que ser gratos pelo favor?

Chamado de ladrão de miojo, como reagirá o menino de 8 anos filho da garçonete? A gente é aquilo que a gente faz daquilo que fizeram com a gente, disse Sartre. Qual o suporte real que o Carrefour dará à família depois que a poeira baixar? E a Justiça, diz o quê?

Se fosse branco, o mesmo sujeito teria sido agredido até morrer? Ou o componente racial inspirou a barbaridade?

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Alexandre Santos, Gabriel Amorim, Geovana Oliveira, Luciana Freire e Tailane Muniz**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



Luz pra recomeçar.

Um Natal para iluminar a nossa vida.

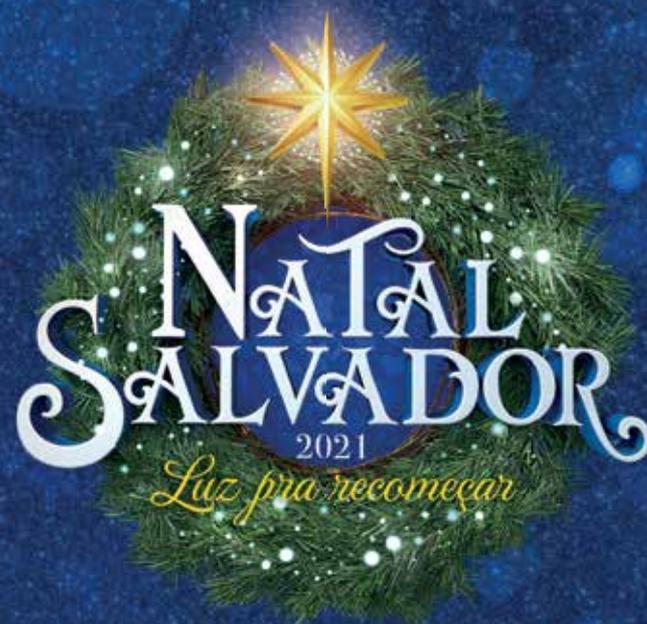
A Prefeitura convida você para um fim de ano com toda luz pra recomeçar. O maior Natal de rua do Brasil chega ainda mais especial esse ano com atrações imperdíveis, novo ponto de visitação na Praça da Revolução em Periperi e o maior espetáculo de luzes, arte e inclusão. Vem viver esse presente.



Agende sua visita agora pelo site ou QR Code. Praça do Campo Grande.

natal.salvador.ba.gov.br

#NatalSalvador2021



#pratodosverem Imagem vertical com fundo azul. Título "Luz pra Recomeçar", subtítulo "Um Natal para iluminar a nossa vida" e abaixo, texto da campanha com QR Code, site para agendamento da visita à Praça do Campo Grande e hashtag. Marca do Natal Salvador 2021 e da Prefeitura de Salvador ao lado do texto. Abaixo, foto da Praça da Revolução, em Periperi, com iluminação de Natal. Em primeiro plano, homem de pele negra, cabelo preto raspado, sorrindo, veste roupa branca com listras. Fim da imagem.

Praça da Revolução - Periperi

Morreu de véspera

Peru tem sido substituído por pedaços de frango, enquanto carnes e queijos não entram mais no carrinho de compras. Inflação tem destruído economia no período mais lucrativo do ano

Foto **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

Dezembro chegou e as cidades já estão enfeitadas de pisca-piscas. Com a pandemia, o Natal de 2020 foi diferente. Naquele período ainda nem existia vacina contra Covid-19 e muitas famílias temiam se encontrar na tradicional confraternização de fim de ano.

Felizmente, passados 12 meses, estamos em um cenário muito mais animador em relação à transmissão do vírus. Em Salvador, mais de 80% da população já tomou a segunda dose. No entanto, os problemas econômicos provocados pela crise sanitária e descontrole da inflação ainda são visíveis e afetam diretamente a alimentação do brasileiro.

Como efeito, a ceia de Natal foi completamente reconfigurada, substituindo fatura por ausências e melancolia.

É o que conta o porteiro Joelson de Souza, de 32 anos. Casado e pai de dois, ele diz que família passou por uma reeducação





alimentar durante a pandemia: “A gente comia carne do sertão, eu costumava comprar uma lasquinha. Mas lá em casa a gente não come mais carne vermelha, a coisa tá feia. Tá tudo muito caro e a gente já vem trocando alguns alimentos. Passamos a comer mais pão e também cuzuz, porque são mais baratos. Dessa vez, a ceia de Natal vai ser apertada como no ano passado, quando comprei um bolo, e minha mulher confeitou. Compramos alguns salgados e refrigerante”, diz.

O relato de Joelson é a realidade da maioria dos brasileiros. Segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), os alimentos tiveram uma alta acumulada de 11,71% em 12 meses em todo o país.

A tendência é mundial. Os preços dos alimentos subiram pelo quarto mês consecutivo em novembro, permanecendo nas máximas de dez anos, é o que informa a agência de alimentos das Nações Unidas. Joelson não soube explicar o porquê da alta, mas diz que fica de olho no Produ-

to Interno Bruto (PIB) e na inflação, que no Brasil já está na casa de dois dígitos: 10,25% em 12 meses, maior variação desde 2016.

“Aí junta com tudo que está mais caro... o gás mesmo, comprei de R\$ 115 e dividi em duas vezes. Fizemos as contas e investimos em um microondas pra ficar esquentando a comida, e nada de banho quente”, acrescenta. “Pesquisar sempre foi importante, muito pode ser economizado dessa forma, mas hoje sem o desconto não vai. Não é nem economia, é necessidade mesmo”, lamenta.

TUDO MAIS CARO

Um estudo realizado pela consultoria Kantar, que analisa qual foi o impacto da pandemia em dezembro de 2020 e o que esperar para 2022, aponta que, de novo, as tradições nas ceias de Natal serão afetadas.

No ano passado 7,3% dos consumidores compraram exclusivamente proteínas comemorativas, já no mesmo período de 2019

esse índice foi de 15,7%. A maioria dos entrevistados (56,2%) optou por combinar alimentos da época com opções regularmente encontradas no mercado, como frango, linguiça, bovinos e peixes/frutos do mar.

O pior é que o preço do frango, que poderia ser uma alternativa, também não está cabendo no bolso de muitas pessoas. O frango em pedaços está 33,2% mais caro que ele inteiro. Em vários supermercados de Salvador o quilo ultrapassou o valor de R\$ 20.

O aposentado Wilson Aquino, que costuma fazer uma cesta de Natal para todos os funcionários do prédio em que mora, diz que esse ano a conta ficará mais pesada. “Nos anos anteriores cada cesta dava em torno de 70 reais. Neste ano com certeza ela ficará mais de 100. Está tudo mais caro e os produtos da ceia não ficaram de fora. Acredito que a situação esteja assim por causa do valor do dólar, da inflação, e da nossa política”, diz Wilson, ressaltando que, até para fazer caridade, hoje, é preciso ter uma calculadora em mãos.

Indústria do Natal em baque com a inflação

A cheff Elvira Passos acredita que a maioria das pessoas vai substituir o tradicional peru. “Na minha experiência com ceias, o que vejo é que o peru aumentou bastante e acho que muitas famílias vão adotar frango. Carnes, queijos também estão muito mais caras, então o tradicional queijo cuia será um luxo esse ano. Eu resolvi fazer cardápio de Natal porque tenho clientes que me encomendam há anos e estavam cobrando, mas sei que terei uma margem de lucro muito baixa porque os insumos estão com valores exorbitantes”.

Em conversa com o Jornal da Metrópole o economista, vice-presidente do Conselho Regional de Economia da Bahia (Corecon-BA), e membro do Conselho Federal de Economia, Gustavo Pessoti, afirmou que os consumidores devem ter muito cuidado para não cair em armadilhas neste período, pois a projeção do Banco Central e do mercado (instituições financeiras como bancos e agências de risco) projetam alta da inflação para os próximos

meses. “Muitos pensam que com o ‘baque’ do ano passado dessa vez os preços serão melhores, mas não é assim que funciona. A verdade é que a ‘indústria do Natal’ está amargando prejuízos desde 2019. Muitas mercadorias ficaram encalhadas, é necessário recuperar a margem perdida. Ou seja, ano passado não vendeu e esse ano os preços não aliviam. Os importados, por exemplo, estão muito caros, que na ceia seriam as futas como damasco e tâmara, nozes.” diz Gustavo.

Ainda assim, o economista acredita que com organização é possível manter as tradições. “A economia está andando em marcha ré. A estabilização é prevista para 2024. Tendo isso em vista, ainda é possível ter uma ceia tradicional de Natal. Mas digo que, como no ano passado, será um Natal de adaptação. Agora com um pouco mais de segurança por causa da vacina contra Covid-19 para realizar encontros, cada um leva algo para compor a mesa. Dividindo não fica pesado pra ninguém”, sugere.



Ah, Ah ACM, meu avô



Pré-candidato ao governo da Bahia, Neto resgata icônico jingle de ACM e suscita debate sobre sua estratégia eleitoral para 2022

Texto Geovana Oliveira

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Passados exatos 30 anos desde que Antônio Carlos Magalhães assumiu o governo da Bahia pela última vez, em 1991, Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Neto resgata a memória do avô: “Você se lembra de mim?”.

O evento para lançar a pré-campanha de ACM Neto ao Palácio de Ondina aconteceu na última quinta-feira (2), em Salvador e uma das escolhas do ex-prefeito reacendeu discussões sobre o carlismo — um dos mais marcantes movimentos políticos da Bahia. Depois de muito se afastar da imagem do avô, Neto escolheu o mesmo jingle utilizado pelo “Cabeça Branca”, na campanha de 1990.

A música “ACM, meu amor”, composta por Gerônimo Santana e Vevé Calazans, e regravada por Antônio Carlos Besouro, o mesmo intérprete da canção original, foi reaproveitada por Neto com algumas mudanças de termo e atualizações, mas continua com os principais apelos: o saudosismo e o amor pela Bahia.

“Você se lembra de mim? Nunca vi você tão só, meu amor, meu xodó, minha Bahia”,

canta Besouro. Destaque do lançamento da pré-campanha de Neto, a tática recebeu pesadas críticas da oposição e suscitou debates entre estudiosos e políticos.

“É surpreendente que ACM Neto faça uma evocação da figura de seu avô, já que ele nos últimos anos quis imprimir um cunho modernizante, as suas próprias questões e trajetórias, quis se desvencilhar do cunho autoritário do avô. Mas volta agora com o jingle que tem o tom autoritário”, diz professor de história política e colaborador da Metropole, Carlos Zacarias.

Na versão original, a música diz: “Tá faltando homem, doutor, para governar com força e coragem”, em referência ao discurso de que o então governador Waldir Pires (1926-2018) era “mole”. A versão de Neto repagina: “Tá faltando força e amor para governar com pulso e coragem, doutor”.

Por outro lado, afirma Zacarias, o “ACM, meu amor” foi o que tornou ‘Toninho Malvadeza’ em ‘Toninho Ternura’.

Mas a lembrança ao velho ACM assusta a oposição. Para as lideranças do Partido dos Trabalhadores (PT), Neto quer “ressuscitar o carlismo”. “Ao fazer isso, ele acaba tirando a máscara da modernidade, acaba deixando o personagem de van-

guarda para revelar seu propósito político”, diz, em nota, o presidente da sigla no estado, Éden Valadares.

“A Bahia livre não quer mais coronelismo, mandonismo nem perseguição. Sabe aquele clichê de amor à Bahia acima de tudo? Isso é medieval, uma coisa retrógrada, absolutamente superada”, afirma.

Os especialistas projetam que a eleição para governador em 2022 na Bahia deve ser acirrada, com chances de ser resolvida em um segundo turno — a única vez que isso ocorreu foi em 1994, quando Paulo Souto (PFL) venceu João Durval (PMN).

Para o ano que vem, os principais postulantes são: Jaques Wagner (PT), apoiado pelo ex-presidente Lula (PT), Neto (DEM) e João Roma (Republicanos), apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL).

ESTRATÉGIA

É a esse cenário idenfinido que o cientista político Paulo Fábio Dantas, estudioso do carlismo e professor da Ufba, atribui à tática de ACM Neto em vincular sua imagem à do avô.

Há um consenso entre os estudiosos de que o ex-prefeito de Salvador não



Antônio Carlos Magalhães (ao centro), ao lado de ACM Neto, durante caminhada no bairro do Barbalho, no cortejo cívico do 2 de julho

recorre às mesmas práticas políticas de ACM, mas faz uma estratégia no jogo nacional. “Não vejo isso como uma espécie de retorno de Neto ao paradigma do carlismo”, afirma Dantas. “O carlismo hoje já não é amado como foi e nem odiado como foi — porque saiu da realidade para a história”, reforça.

Segundo o cientista político, o uso do jingle tem a ver com as dificuldades que Neto encontra na política nacional. Isso inclui a candidatura do ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro e as possíveis articulações com a União Brasil.

“Ele quer preservar uma imagem dele como um político, um administrador — ele é um administrador e um político, ele não é um exterminador de políticos”, afirma o professor. “Uma vinculação com Moro poderia ser devastadora para ele. A figura do avô está sendo uma espécie de recurso para fugir disso, porque o ACM de alguma maneira, num plano simbólico, representa a política — uma alusão ao modo de fazer política”.

De acordo com Dantas, a ala do PSL na União Brasil tem interesse em usar a candidatura de Moro como uma bengala. “O esquema de Moro é um esquema que

interessa fortemente à chamada banda do PSL na União Brasil, esse partido é de deputados eleitos na onda da nova política”, diz.

Entre as análises sobre “velha política” ou “política tradicional”, ACM Neto explica como foi feita a escolha do jingle. A repaginação do “ACM, meu amor” foi ideia da equipe de comunicação, com sugestões do pré-candidato ao governo da Bahia, após terem reparado o sucesso da canção nas viagens de campanha às cidades do interior do estado.

“Resgatamos um jingle que marcou a história na política da Bahia e do Brasil. O sucesso que a música fez no Centro de Convenções, durante o lançamento de minha pré-candidatura, me deixou muito feliz e orgulhoso”, afirma Neto.

O jingle será utilizado apenas durante a pré-campanha, uma vez que, seu uso em 2022, poderia configurar campanha antecipada durante a atividade de pré-lançamento. A equipe de comunicação, no entanto, prevê que o prefeito continuará associando sua imagem à do avô durante as eleições, isso porque, dizem, há um forte apelo popular quando o nome de ACM é citado.

A busca da emoção

Uma pessoa chega para te dizer com carinho: “Você se lembra de mim?” e então passa a falar de coisas que lhe agradem. Quem não vai parar para ouvir as coisas?, explica Gerônimo Santana sobre a ideia que ele e Vevé tiveram ao compor o jingle. “É uma música saudosa”, completa.

Após os conflitos que teve com a Rede Bahia pelos direitos autorais da música, depois da morte de ACM, Gerônimo diz que as relações estão amenas. “Essa música tem mais de 30 anos e ela sempre fez sucesso, deu muito trabalho, e agora está tudo tranquilo. É uma música que todo mundo gosta de ouvir”.

Ex-prefeito de Salvador e amigo de ACM, Mário Kertész aposta que Neto busca a emoção no resgate do jingle.

“Eleição é muito emoção e a lembrança de ACM, o velho ACM, ainda é muito grande, contrasta com o PT, que vai ser o adversário dele na eleição, e traz aquele clima de emoção que marcou o amor pela Bahia. Eu acho que foi muito positivo ele usar isso, muito inteligente”, diz MK, que também já recorreu à emoção no jingle que utilizou nas eleições de 1985 para a prefeitura da capital baiana, quando acabou eleito com 61% dos votos.

No jingle de sua campanha em 85, que exaltava o amor por Salvador, seu nome não é citado, apenas o slogan “Deixa o coração mandar”.

O cientista político Cláudio André de Souza concorda sobre o apelo emocional de “ACM, meu amor”. “É um jingle que dialoga muito com a baianidade. É de um momento específico em que o candidato de ACM havia perdido de maneira acachapante. Em 1990 é o retorno do grupo. Então há uma simbologia muito forte”.

Para Paulo Souto (DEM), ex-aliado de ACM e ex-secretário de Neto, o jingle é um resgate, mas não indica um retorno ao carlismo. “Neto agora está em um tempo diferente. Ele mostrou isso quando foi prefeito”, diz. Kertész endossa. “É coisa de dizer: ‘Eu sou o neto de Antonio Carlos Magalhães. Mostra o amor dos baianos pelo velho. É essa a lembrança”.

CMS terrivelmente evangélica

tacio moreira/metropress



A Câmara de Vereadores está diante de um impasse 'terrivelmente evangélico' contra direitos de minorias. Em tramitação desde junho, o Plano Municipal de Cultura de Salvador passou a sofrer resistência ostensiva da bancada conservadora da Casa pelos simples fato de listar ações em favor da "cultura LGBTQIA+". Inconformada, a vereadora cristã Débora Santana (Avante) exige a exclusão do termo na redação do projeto. "Pra gente, é muito simples: tira a lista, e o projeto é votado, sem problema nenhum", justificou ela em entrevista à Rádio Metropole. Relator da matéria, o vereador Silvio Humberto (PSB) rebateu a fala da colega ao afirmar que suas convicções religiosas não poderão se sobrepor a uma proposta que visa a inclusão. Depois de sucessivos adiamentos, o texto foi pautado para a sessão de votações de segunda-feira. "O nosso desafio é encontrar um ponto de equilíbrio", diz o presidente do Legislativo, Geraldo Júnior (MDB).

Venda de prédios públicos

A gestão Rui Costa (PT) obteve importante vitória na Assembleia Legislativa da Bahia, ao ver aprovados projetos que o autorizam a vender terrenos como o do Detran, do Terminal Rodoviário de Salvador, da extinta Junta Médica do Estado e do antigo Centro de Convenções. Durante a apreciação das propostas, integrantes da oposição deixaram o plenário em protesto. O governo afirma que os recursos obtidos serão para diminuir o déficit previdenciário do estado, que vem aumentando à medida que o gestão tem alcançado sucessivos recordes de concessão de aposentadoria. O déficit atual do Fundo é de R\$ 5,5 bilhões.

O apagão na CPI da Coelba

divulgação



Deputados da oposição na Alba culpam o líder do governo, o petista Rosenberg Pinto (foto), de emperrar a instalação da CPI da Coelba, autorizada a funcionar desde 18 de novembro. Segundo integrantes do bloco, o petista resiste em fechar o único acordo possível para garantir uma comissão não "partidariada". Em razão disso, o bloco da oposição resolveu retirar as assinaturas para o funcionamento da CPI — inviabilizando assim o início dos trabalhos. "O que querem nessa CPI é uma investigação 'chapa branca', um 'faz de contas'. Isso nós não podemos aceitar. A forma que a bancada do governo está conduzindo mostra que querem simplesmente atropelar os trabalhos", afirmou o deputado Tiago Correia (PSDB), vice-líder da oposição. Em resposta, Rosenberg Pinto respondeu que não é a base do governo que "está se escondendo de escândalo" e insinuou que a oposição pode ter outros motivos para ter desistido da comissão — embora não tenha explicitado quais.

Buscando ajuda em Brasília

Calo confesso de sua gestão, o prefeito de Salvador, Bruno Reis (DEM), está em Brasília para pedir financiamento federal do transporte público da capital baiana. Reis é um dos integrantes da mobilização articulada pela Frente Nacional de Prefeitos (FNP), que reúne mais de 60 gestores para a causa. Em Salvador, a situação do transporte público é encarada como prioridade. Há anos, o sistema se mostra deficitário e se agravou com a pandemia. A Prefeitura assumiu a gestão da empresa CSN (ainda na gestão de ACM Neto) e, no plano macro, tenta a todo custo balancear os humores de empresários, rodoviários e passageiros em uma equação que — com o infame trocadilho — deixe as coisas rodando tranquilamente.

Mandetta elogia Moro em Salvador

divulgação



O ex-ministro da Saúde do governo Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta (DEM), esteve entre os figurões nacionais presentes no Centro de Convenções de Salvador, onde ACM Neto lançou sua pré-candidatura a governador. Ao defender o nome do correligionário, disse que o ex-prefeito de Salvador é "a alma da Bahia" e, se eleito, "será o melhor governador" que o estado já teve". Após praticamente desistir de sua pré-candidatura à Presidência, Mandetta agora direciona a afagos ao ex-juiz Sergio Moro (Podemos), também ex-ministro de Bolsonaro, que cogita disputar o Planalto. "É um amigo. Um cara que converso sempre. Acho que ele tá bem. Mostra capacidade de andar. Vejo com muita simpatia a candidatura dele", declarou.



Fala do presidente é inspiração para as cadeias

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Os presidiários brasileiros, cuja maior meta na vida, senão a única, é ter de volta a liberdade, devem ter ficado excitadíssimos, independentemente dos crimes que cometeram e do nível da própria periculosidade, com a defesa incontestada da tese defendida pelo presidente da República: mais importante do que a própria vida é, claro, a liberdade. Em tradução, para não deixar dúvidas: entre estar vivo e sem liberdade, o certo é arriscar a vida para ser livre. Estar morto, mas livre, é melhor, pura lógica, que estar vivo e preso. Fugir para a liberdade, por que não?

O presidente e o ministro invocaram essa tese para atacar o passaporte vacinal, exigido na maior parte dos países do mundo. Pouco importa que os governos e as autoridades de saúde que exigem passaporte vacinal para ingresso em suas fronteiras internacionais o façam em nome da defesa da vida, evitando riscos maiores de contaminação pelo vírus da Covid. Para o Brasil, são restritores de liberdade, e pronto.

Foda-se a vida, como antecipou a blogueira/influencer/good vibes lá atrás, no início da pandemia. O resto é rezar, em português ou pegando carona na glossolalia ou xenolalia da

primeira dama da República e invocar o Espírito Santo para embaralhar a interpretação dos presos ou ensurdecê-los, evitando que captem a mensagem presidencial. A essa altura, se a filosofia presidencial ganha eco nas cadeias, está lá, agora, todo mundo elaborando um plano de fuga, menos preocupado com o risco de vida corrido — ah, o certo, agora, passou a ser risco de morte — e apostando com força na liberdade, o 1º mandamento da cadeia. Para ser livre, vale tudo: enfrentar vírus ou tiro. Morre quem tiver que morrer. Ninguém esqueceu essa outra máxima do capitão.

UM ÁUDIO DE MICHELE

Se nem o céu, nem o inferno eram limites para a fala solta do presidente, agora é que ninguém segura mais sua língua. Nesta terça-feira, a revista Time anunciou que, por votação popular no site da publicação, Jair Bolsonaro foi eleito a personalidade do ano. A votação se dá no site da revista e qualquer pessoa no mundo pode votar, sem precisar ser assinante, nem mesmo leitor. Em sua live de quinta, Jair Bolsonaro pediu aos seus seguidores para votarem nele nessa eleição popular da revista.

Nove milhões de pessoas votaram em todo o mundo. O capitão foi o mais votado, com 24% do total de votos. O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ficou em 2º, com 9%, e os profissionais de saúde que cuidaram das vítimas da pandemia ficaram em 3º. Sim, os opositores de Bolsonaro e a esquerda já estão alardeando que ser escolhido a personalidade do ano por votação no site tanto pode significar destaque positivo como negativo. Ganha um áudio de Michele no WhatsApp quem apostar na tese de que os apoiadores do presidente não vão espalhar que ele é a personalidade mais importante do mundo. Mas, em tempo, embora o bolsonarismo não se importe: a definição da personalidade do ano da Time, a oficial, escolhida pelos editores da revista, é outra, e só será revelada no dia 13 deste mês.

Para ser livre, vale tudo: enfrentar vírus ou tiro. Morre quem tiver que morrer



No escuro do cinema

Sem incentivo da Ancine e com falta de verba da Funceb, produção audiovisual baiana tem perdido terreno para outros estados em festivais e circuitos de exibição

Texto Tailane Muniz

tailane.muniz@radiometropole.com.br

O que se vê do fluxo de produção no audiovisual baiano, nos últimos três anos, é quase dissociável da Bahia que, na década de 50, organizou os cineclubes — à época, sob tutoria do crítico e ensaísta Walter da Silveira, mentor do cineasta vanguardista Glauber Rocha.

Protagonista do Cinema Novo, Glauber dá nome ao Cine Metha, onde aconteceu, nesta semana, o XVII Panorama Internacional Coisa de Cinema. Ao longo de oito dias, apenas um longa-metragem baiano concorreu na competitiva nacional — marca que revela o cenário de escassez das produções da sétima arte no estado, lamenta o cineasta Cláudio Marques, co-diretor do festival.

Criado por Marques em 2003, em Salvador, o Panorama funciona como termômetro das obras baianas e, neste ano, foi eleito pela plataforma Nordeste Lab a maior vitrine do audiovisual local.

A mostra, no entanto, conta com cada vez menos contrerâneos inscritos, sobretudo com longas de ficção. “Senti a diminuição na seleção. A participação de filmes baianos é bem menor, costumamos pro-

duzir muito mais”, diz, em referência a esta edição, que exibiu cerca de 80 produções. Na competitiva exclusiva para produções do estado foram 20 curtas e seis longas.

Gestor do espaço, reaberto com o festival, Marques considera que a Bahia, embora carregue toda uma tradição de cinema, não fomenta a arte na mesma proporção. À reportagem, ele não hesita em relacionar “os tempos difíceis” no audiovisual, e não só para os baianos, com a atual gestão da Agência Nacional do Cinema (Ancine).

Por meio dos Arranjos Financeiros Regionais, até 2017, o órgão regulador, junto aos governos estaduais, forneceu incentivos voltados especificamente para a sétima arte, sobretudo aos estados fora do eixo RJ-SP. A partir daí, é observada a decadência quanto ao fluxo de produções.

“Uma Ancine acéfala. Isso reflete muito em todo o Brasil. É uma frustração, porque não há política pública direcionada ao cinema”, pontua Cláudio, ao ponderar que a Lei Aldir Blanc, por seu caráter emergencial em meio à pandemia, não deve ser tratada como uma medida de efeito permanente. Procurada, a Ancine não comentou o assunto.

“Temos uma instabilidade de editais”. O cineasta, com carreira de 25 anos, cita

Pernambuco como exemplo de que, com incentivo regular, a tendência é tornar-se referência. A Bahia, por ora, segue com o “projeto de edital anual” que tornou-se uma eterna promessa, critica Marques.

Em nota, a Funceb informa o investimento de R\$ 64,2 milhões em projetos audiovisuais, neste ano, por meio dos prêmios das Artes Jorge Portugal e de Exibição Audiovisual — que contemplaram, respectivamente, 115 e 60 obras. A fundação diz ainda que cada edital tem sua especificidade, com regras e orientações, a fim de possibilitar “a participação de todos de forma igualitária”.

QUEDA NA PRODUÇÃO

No entanto, os realizadores pontuam que a falta de verba impacta tanto na quantidade de produções, quanto na diminuição de ficções e longas. “O desejo de filmar é muito grande e muita gente, para realizar, opta por documentários e curtas-metragens, possíveis de serem feitos com menos recursos”, diz Marques, destacando a exceção à regra: o filme ‘Receba!’, de Rodrigo Luna e Pedro Perazzo, único baiano na competitiva nacional do Panorama.

Ao Jornal da Metropole, Perazzo con-



1



ta que o filme é fruto de um edital setorial de 2017, promovido pelo governo estadual, com o apoio da Ancine. “Era uma época em que havia uma combinação de forças entre a Ancine e os estados, sobretudo do Nordeste, por meio dos Arranjos Regionais. E, mesmo assim, foi um edital que contemplou muito pouco, um ou dois filmes”.

‘Receba!’, defende ele, se enquadra entre as obras cujos custos são considerados baixos. “O cinema de ficção é uma arte cara”, justifica o cineasta, que também atribui a queda da produtividade à atual gestão do órgão regulador de cinema do governo Jair Bolsonaro (PL). “[A Ancine] está completamente asfixiada. Os editais são praticamente inexistentes. Na Bahia, não há regularidade”.

GARGALO

Há uma espécie de gargalo, sinaliza Perazzo, na tentativa de exemplificar os malabarismos que os realizadores de cinema, sejam produtores, roteiristas, diretores e técnicos, têm feito para executar obras. Mesmo nestas condições, seu filme saiu vitorioso do Cine PE Festival Audiovisual, nas categorias de melhor filme por voto popular, edição de som, e melhor atriz, dado para a coadjuvante Evelin Buchegger.

Na contramão do que é observado pelos cineastas, o Observatório do Audiovisual Baiano, financiado pela Secretaria de Cultura da Bahia (Secult), vinculada à Funcib, aponta que antes da pandemia, em 2019, houve “expressão” das obras baianas que circularam em festivais.

Ao todo, 89 filmes, sendo 66 deles recentes. Destes, 49 curtas e 17 longas. “Fértil momento”, diz o projeto, ao considerar que “é possível perceber o impacto da

pandemia na realização de mostras e festivais, mas não o impacto do processo na produção de obras locais”. A pesquisa cita o Panorama Internacional como o único de abrangência nacional com uma mostra competitiva puramente baiana.

Cofundadora do movimento Filma Bahia, criado para debater a Aldir Blanc, a cineasta Ana Luiza Penna, afirma que, de forma geral, a categoria acabou prejudicada pela impossibilidade de adequar-se nos incisos estabelecidos pela lei, que categorizou os recursos em auxílio direto, manutenção de espaços artísticos e editais – voltados à submissão de projetos por produtoras, diretores e roteiristas. “Muitos ficaram de fora. Alguns haviam recebido em folha [de pagamento] mais de R\$ 25 mil no ano anterior. A lei deixou a desejar em suas entrelinhas”, reforça.

O cenário protagonizado pela Ancine exhibe o que o jornalista e cineasta Lula Oliveira chama de desconstrução das políticas do audiovisual. “É um reflexo direto da política federal, com impacto nas regionais, uma vez que isso se estabeleceu no governo Bolsonaro”, salienta.

“Não entendem a cultura como vetor estratégico, que gera empregos. Estamos vivendo uma terra devastada. Quando a gente fala em cultura, a gente fala de geradora de emprego. Poucos continuam resistindo”, completa Lula.

Ao descrever o mais otimista dos cenários, Pedro Perazzo idealiza uma lei que estabelece editais anuais voltados não só à produção de filmes, mas também à formação de cineastas, além da instituição de projetos fixos para financiar o audiovisual nas comunidades mais carentes e, quem sabe, até o retorno do cineclubismo à la Glauber Rocha.

divulgação

2



Foto 1: Imagem do filme ‘Receba!’, único baiano que compete na mostra nacional do Panorama.

Foto 2: Abertura do festival, no Cine Glauber Rocha



Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP



Texto **Gabriel Amorim**

gabriel.amorim@radiometropole.com.br

A dor da Bofetada

Cia Baiana de Patifaria anuncia fechamento das atividades, após quase 35 anos de sucesso; grupo tenta vaquinha para se manter vivo

Entrar no teatro sem saber se a roupa que você escolheu será alvo das críticas de Vânia Leão e Dirce Mendonça. Sentir, da plateia, o frio na barriga tão comum aos atores, porque você não quer (ou quer) acabar no palco ao lado de Fanta Maria. Essas são apenas algumas das experiências comuns a quem já esteve na plateia de 'A Bofetada', o mais famoso espetáculo da Cia Baiana de Patifaria.

O grupo anunciou, no último dia 30, a necessidade de encerrar as atividades e fechar as portas de sua sede, diante das dificuldades — e dívidas — causadas pela pandemia. Nascida em 1987, a companhia surgiu da necessidade de seus membros de criar um grupo encabeçado por atores.

Entre os nomes da formação original estão atores como Lelo Filho (até hoje diretor da companhia), Moacir Moreno e Fernando Marinho.





“A gente vivia na era dos diretores. Cada diretor tinha um grupo e nós não nos encaixamos em nenhum, por isso resolvemos fazer o nosso”, explica Lelo.

Em quase 35 anos de atividades, a companhia criou espetáculos que povoam o imaginário de quem frequenta teatro na Bahia e que se revezavam em cartaz. Fazem parte do repertório peças como ‘Abafabanca’, ‘Siricotico’ e ‘Noviças Rebeldes’.

Dentre tantos títulos de sucesso, ‘A Bofetada’ se tornou o carro chefe do grupo. Segundo espetáculo da Companhia, dirigido por Fernando Guerreiro, a peça estreou em 1988 e trazia Lelo Filho, Frank Menezes, Fernando Marinho, Moacir Moreno e Ricardo Castro em seu elenco original. Depois de mais de 30 anos em cartaz, 18 atores diferentes se revezaram para dar vida aos emblemáticos papéis da peça.

Lelo Filho é, de todos, o único ator presente em todas as montagens. “Na época da primeira estreia, já tínhamos entendido que estávamos nos comunicando mui-

to bem com públicos muito diversos e que não podíamos interromper isso. ‘A Bofetada’ surgiu diante de uma grande curiosidade do público sobre o que o grupo iria fazer”, lembra o ator, que anos depois assumiu também a direção do espetáculo.

Ao longo dos anos, a peça passou por diversos teatros de Salvador e de todo o Brasil. Entre as lembranças mais marcantes estão um piquenique às margens do Rio Tiête, uma entrevista no programa do Jô (TV Globo) e a conquista de um aclamado crítico carioca que fez deslanchar a temporada do espetáculo no Rio de Janeiro.

Na Bahia, o grupo viu o sucesso da peça criar novos costumes para o teatro baiano. “Com o sucesso começou a surgir a figura do cambista no teatro baiano. Antes, o cambista estava só nas peças que vinham do Rio para o palco principal do TCA. De repente, a gente tinha cambista na fila pra Sala do Coro. O teatro já não cabia mais. Um dia, a plateia invadiu o teatro, era tanta gente sentada no chão, pelo palco, que a gente teve que dizer que não tinha condições pra fazer a peça”, lembra Lelo sobre a primeira temporada da montagem.

PATRIMÔNIO

Idealizador do projeto ‘Memórias do Teatro na Bahia’, o ator João Guisande conta que a ‘A Bofetada’ é uma das lembranças mais citadas por quem ajudou a construir o trabalho.

“A gente perguntou pras pessoas sobre a primeira e a mais marcante lembrança que eles tinham sobre o teatro baiano e a companhia foi citada inúmeras vezes. A companhia e seus personagens fazem parte do imaginário, da identidade do teatro baiano”, diz.

Primeiro diretor da peça, Fernando Guerreiro faz coro. “Eles são um grupo vital. Um patrimônio da cidade. ‘A Bofetada’ é um dos clássicos do teatro na Bahia”.

Atual presidente da Fundação Gregório de Matos, órgão da prefeitura responsável pelos projetos de cultura, Guerreiro diz ter tomado um susto com o anúncio do encerramento. “Já estamos nos movendo, pensando em um projeto, em que eu quero estar como gestor e como artista, porque não dá pra separar as duas coisas. Acredito que a gente deva chegar a um resultado positivo”, acredita.

Lelo explica que a crise que o levou a tomar a decisão de parar já existe mesmo antes da pandemia. “A gente já fez quatro, cinco apresentações por semana e nos últimos anos estávamos fazendo apenas uma. Como você paga as contas? Esse anúncio do fim é um sinal que já estávamos dando há um tempo”, diz o diretor.

Durante o período de restrições, o grupo ainda tentou formas de se adaptar e usou uma verba destinada pela prefeitura para adaptar seu espaço à realidade virtual, transformando a sala de ensaios em local para lives. Outra tentativa foi a de aprovar projetos na Lei Aldir Blanc, mas não deu certo.

“Somos uma companhia independente, que não capta recursos via lei de incentivo. Não sei se as pessoas pensam que, por conta disso, não precisa [de patrocínio]”, diz Lelo.

No grupo há cinco anos e integrante do elenco mais recente de ‘A Bofetada’, o ator Rodrigo Villa lembra que, nos primeiros anos de grupo, chegou a receber cerca de R\$ 1,5 mil apenas com uma porcentagem da bilheteria em uma semana de espetáculos. Por outro lado, em experiências mais recentes, terminou um fim de semana de apresentação com apenas R\$ 100. “Com esse anúncio de término, finalmente as pessoas entenderam a importância de manter viva uma companhia como essa”.

VAQUINHA

Em pouco mais de uma semana desde que a Cia Baiana de Patifaria avisou que suas cortinas poderiam se fechar, a plateia se mexeu. Inúmeras mensagens, ofertas de ajuda para guardar os itens que contam anos de história, além de reuniões com o poder público.

A vaquinha virtual (divulgada pelo Instagram), que está aberta desde o início da pandemia, recebeu doações suficientes para pagar as contas de dezembro. Agora, de novo, o futuro é incerto. “Lembro de um encontro que tive com Fernanda Montenegro, no início do grupo. Ela disse: é uma profissão muito difícil, mas você não pode esquecer uma coisa: todo ator precisa perseverar”, conta Lelo.

Fanta, Pandora, e uma fatia importante da história do teatro baiano seguem tentando resistir.

marcio lima/divulgação

2



genilson coutinho/divulgação

3



divulgação

4



Foto 1: Montagem de ‘A Bofetada’, em 2017
Foto 2: Montagem de ‘A Bofetada’, em 1992
Foto 3: Atores do grupo na peça ‘A Noviça Rebelde’
Foto 4: Casa do grupo, na Barra

ENTREVISTA

Daniela Borges

PRESIDENTE DA OAB-BAHIA

Pela primeira vez, uma mulher é presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Bahia. Daniela Borges foi eleita no dia 24 de novembro. Ela compunha uma chapa feminina, com Christianne Gurgel como vice. Em entrevista à Mário Kertész na Rádio Metropole, Daniela diz que o resultado reflete o cenário da profissão hoje.

“As mulheres ganharem espaço aqui na Bahia é uma realidade da própria advocacia. Porque hoje já somos mais da metade dos inscritos na OAB, tanto na Bahia, como no Brasil. E as mulheres estão no dia a dia da advocacia fazendo audiências, sustentações orais, trabalhando. Isso ainda não era visto na mesma proporção dentro da OAB. Mas a gente vem numa caminhada de construção desses passos, uma luta inclusive protagonizada por mulheres. Aqui na Bahia nós fomos paridade de gênero antes que isso fosse Brasil. A gestão atual já tem metade de mulheres e metade de homens e isso é fruto de uma caminhada nossa”, diz.

Daniela contou ainda que presidiu neste triênio a Comissão Nacional da Mulher Advogada, da OAB nacional, e que neste espaço fez projetos que estimulassem a representatividade de mulheres na ordem. “A partir do ano que vem, todas as seccionais terão metade de mulheres e metade de homens nos seus conselhos, seus órgãos diretivos. Vejo isso como o primeiro reflexo da realidade de hoje da nossa profissão”, afirma Borges.

EXAME DA ORDEM

Durante a entrevista, Daniela ainda defendeu o exame da OAB. “Sempre digo que o maior interesse da realização do exame de ordem é da sociedade. A gente tem essa essa previsão legal e a garantia do cidadão e da cidadã de que quando contrata um profissional que tem inscrição na OAB tem alguém que efetivamente tem um mínimo de habilidade e competência para exercer a profissão. Então eu sou desde sempre uma defensora do exame de ordem e nessa perspectiva o interesse sobretudo do cidadão e da cidadã e da importância da advocacia o profissional do direito. Afinal, ele [o advogado] lida com bens muito caros ao cidadão. E quando eu falo isso, não é apenas de bens econômicos, mas a honra, imagem, vida, liberdade. É muito importante que a sociedade tenha essa segurança. Eu também sou professora e acho que o exame de ordem é algo que se presta a um interesse maior”, disse.



divulgação

As mulheres estão no dia a dia da advocacia fazendo audiências. Isso ainda não era visto dentro da OAB

ENTREVISTA

Jandira Feghali

DEPUTADA FEDERAL (PCDOB-RJ)



divulgação

A deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ) disse jamais esperar que o Brasil chegasse ao patamar da crise atual, marcada pelo desmonte em diferentes áreas e agravada sobretudo pela avanço da fome. Líder da minoria na Câmara dos Deputados, ela lamentou, em entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole, que o governo Bolsonaro não tenha sido alvo de um processo de impeachment.

“Depois de tantos anos no Parlamento brasileiro, na militância partidária, eu lhe digo que eu nunca imaginei que nós fôssemos passar por tudo isso que nós estamos passando. Depois de tanto trabalho, de tanta construção, de tanta dedicação. Um desemprego tão absurdo, das pessoas passando fome no nível que nós estamos chegando agora. De um ataque tão grande à ciência, à cultura, à saúde brasileira, uma coisa tão desumana, tão distante do que o povo precisa. De tanto desprezo pela vida. De tão pouco conhecimento da história do Brasil, da história do nosso povo”, disse a parlamentar.

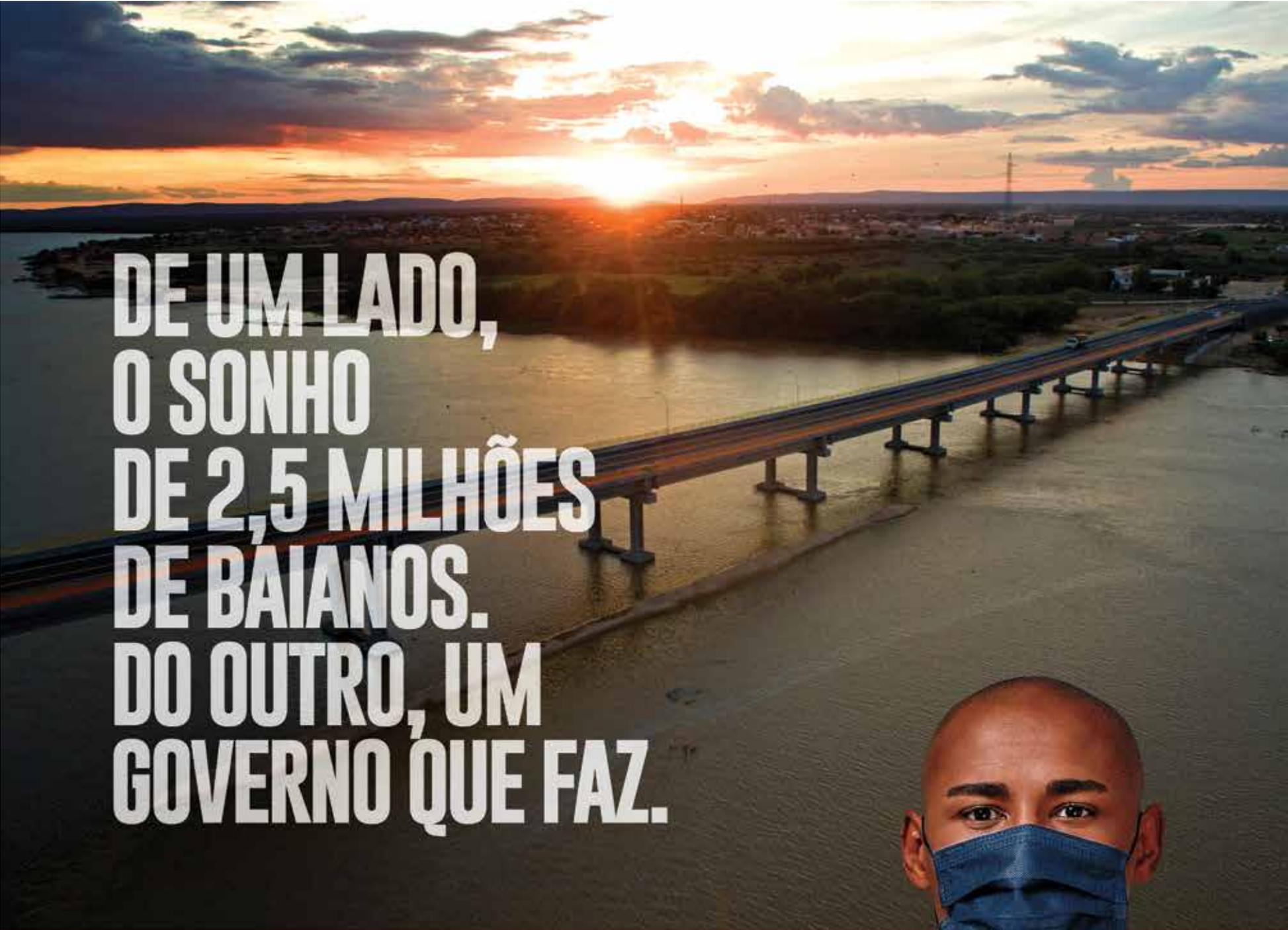
OLHO NO CONGRESSO

Apesar do retrocesso no qual o país submergiu, Jandira se diz otimista quanto a uma mudança de paradigma a partir das eleições de 2022. “Penso que nós vamos passar por isso. O que nos anima é saber que isso é uma transição, é um período curto. Há uma resistência nos estados, há uma resistência nas cidades, e nós vamos passar por isso, espero, que bastante rápido. Nós não conseguimos fazer o impeachment desse governo, mas espero que nas eleições a gente consiga ultrapassá-lo”, afirmou.

Questionada por Kertész sobre o comportamento do Congresso — permissivo aos ataques de Bolsonaro à democracia e ao mesmo tempo alinhado a pautas de seu interesse —, a deputada afirma que as pessoas tendem a esquecer o Legislativo. “Numa eleição nacional, em que o presidente da República está sendo eleito, é natural prestar menos atenção na eleição dos deputados. Na última eleição nós perdemos muito numa guerra cultural, numa guerra de valores. Numa guerra em que a comunicação foi usada de forma ilegal e milionária.”

“Por isso é importante que as pessoas fiquem muito atentas à eleição de deputado federal. Porque o presidente da República precisa muito do Congresso. E o Congresso Nacional decide muita coisa. Decide o salário mínimo, o orçamento do país. Se vai ter casa popular, se não vai ter. Ele decide o SUS, se vai ter dinheiro pra vacina, a lei trabalhista”, completou.





**DE UM LADO,
O SONHO
DE 2,5 MILHÕES
DE BAIANOS.
DO OUTRO, UM
GOVERNO QUE FAZ.**

NOVA PONTE ENTRE BARRA E XIQUE-XIQUE

O Governo que cuida da nossa gente também cuida da mobilidade de todos os baianos. Por isso constrói pontes para o desenvolvimento. Entre os municípios de Barra e Xique-Xique, foi entregue uma nova ponte. Um investimento de mais de R\$ 133 milhões, que já está beneficiando mais de 2 milhões e meio de pessoas. Com a construção, a travessia, que era feita por balsa e durava cerca de meia hora, passa a ser feita em apenas 2 minutos. É mais desenvolvimento e economia para o transporte de carga. É mais conforto e tranquilidade para quem sai do oeste baiano em direção a outras regiões. Isso é trabalho de um Governo que faz cada vez mais para desenvolver todos os cantos do nosso Estado.



**GOVERNO
DO ESTADO**

